

Mensagem para o Primeiro de Maio



Carta aos Irmãos IMC

UM TESOURO PARA TODO O INSTITUTO

«Fizeste bem inaugurar esta festa de S. José, como aquela dedicada particularmente aos coadjutores. Não existe um exemplo melhor do que aquele de S. José. Ele, é o nosso mestre... Esta realidade, deve ensinar-vos a amar o trabalho, a fazer bem o vosso trabalho, a corresponder à vossa vocação... Deveis pensar que sois missionários, e, deveis ter um santo orgulho em pertencer à classe de S. José».

(José Allamano. *Conf. III*, 563)

«Move-nos o exemplo de tantos sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos que se dedicam a anunciar e a servir com grande fidelidade, muitas vezes arriscando a própria vida e, sem dúvida, à custa da própria comodidade. O seu testemunho, lembramos que a Igreja não precisa de muitos burocratas e funcionários, mas de missionários apaixonados, devorados pelo entusiasmo de comunicar a verdadeira vida. Os santos surpreendem, desinstalam, porque a vida deles, chama-nos a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora».

(Papa Francisco, *Gaudete et exultate*, 138)

Caríssimos “Irmãos missionários”,
em ocasião deste primeiro de maio, em que lembramos a bela e querida figura de S. José, vosso especial Protetor, o meu pensamento é por cada um de vós e gostaria que estivesse repleto daquele afeto particular, com o qual o nosso Fundador vos olhava, considerando-vos os “seus benjamins”: um olhar de admiração pela vossa vocação de consagrados missionários e de profunda gratidão pela exemplaridade do vosso estilo de trabalho. Ele, considerava-os “indispensáveis nas missões”, reputava-os verdadeiros



apóstolos, verdadeiros missionários, mesmo acima dos próprios sacerdotes: «Recebeste a vocação missionária, ou de sacerdote ou de coadjutor... Se não posso ser sacerdote, serei um coadjutor, mas sempre missionário. Apesar de ser simplesmente um coadjutor missionário, no Paraíso estará acima dos outros sacerdotes». Todavia: «Ai de vós, se qualquer um se atreve a dizer: oh, és só um Coadjutor!». Por isso, a história do nosso Instituto se desenvolveu ao longo do tempo, com o entrelaçado do trabalho, sábio e fraterno, não só dos missionários sacerdotes, mas também aquele dos “Irmãos” que, apesar de serem sempre em número limitado, deram à nossa Família missionária aquela fisionomia que a caracteriza na Igreja e entre os povos a quem anunciamos o Evangelho. Por conseguinte, é inimaginável pensar o nosso Instituto, os Missionários da Consolata, sem os Irmãos.

O Capítulo, que celebramos há pouco menos de um ano, e que tentamos tornar operativo nos encontros continentais, também nos recorda claramente que: «Desde a sua fundação o nosso Instituto é constituído por presbíteros e irmãos, religiosos missionários que vivem e trabalham juntos. No espírito de revitalização e reestruturação, e no respeito pela nossa história, o XIII Capítulo Geral, corroborou a validade de quanto já tinha sido afirmado sobre a vocação do Irmão nos dois Capítulos anteriores... valorize-se a presença dos Irmãos nas nossas missões e o seu testemunho **como um tesouro para todo o Instituto**. Deste modo se encorajam os Irmãos a viver a vida religiosa com amor e alegria» (n.º 20.22).

Um tesouro para todo o Instituto... Impressionaram-me muito estas palavras que foram ditas sobre os Irmãos; por conseguinte, a presença deles, a sua identidade e o seu trabalho, não são uma realidade opinável, uma moda passageira, uma escolha mais ou menos conveniente, mas constituem o nosso “modo perene” de sermos Missionários da Consolata, filhos do Allamano, portadores de consolação aos pobres e aos aflitos deste nosso mundo. Por isso vós, Irmãos, sois no Instituto o testemunho, a memória vivente do valor da consagração religiosa e de uma vida gasta sem medida, definitivamente e totalmente, por Deus e pela Missão. E nos recordais isso, não obstante se fale pouco de vós, ou a nossa linguagem seja ainda demasiado “clerical” (conf. *Atas do Capítulo*, n.º 22), ou o número daqueles que escolhem ser missionários-irmãos diminui cada vez mais.

Um tesouro para todo o Instituto... porque o Fundador e a história dos primeiros Irmãos mostram, sem margem para dúvidas, que a sua realização plena, tem o seu segredo na santidade de vida e no serviço generoso (frequentemente heroico) à Missão, onde quer que seja e sempre: no início do trabalho missionário, quando ainda estamos cheios de entusiasmo e generosidade, mas também quando a realidade se torna dura, a missão mais exigente, as funções menos claras e as forças diminuem... na fidelidade quotidiana e no



exemplo de uma vida inteira dedicada ao Senhor e aos outros.

É este o precioso testemunho dado por muitos dos nossos Irmãos, que permaneceram exemplos luminosos na história do IMC. Mencionamos aqueles mais conhecidos: Michele Mauro, que passou quase todos os seus cinquenta anos de missão numa oficina de carpintaria, “convertendo com o exemplo”; Ernesto Pagliarino, que tinha feito da sua oficina mecânica “um campo de apostolado”; Guerrino Simion, Luigi Rubinetto, Guido Grosso e muitos outros, extraordinariamente amados pelos africanos, que educaram ao cristianismo com os pequenos gestos quotidianos e a sua infinita generosidade; e o Irmão Marino De Cesari que, no seu leito de morte, entre as pausas de uma hemorragia incontável, sussurrava: «Este sangue que não pude derramar pelo Senhor, ofereço-o a Ele assim, agora mesmo, desta maneira»...

Mas, sem ir demasiado longe no tempo, mesmo recentemente, dois dos nossos Irmãos concluíram a sua aventura missionária, deixando atrás de si “o perfume do amor de Deus”: o Irmão Aldo Allemandi (que faleceu no dia 3 de março) e o Irmão Paolo Ferrari (a 19 de março). Conhecemo-los, experimentámos a sua alegria em serem missionários de poucas palavras, no silêncio operoso e até ao fim. Do Irmão Paolo (com quem vivi bons anos no Zaire-Congo) gostaria de lembrar o que escrevia ao superior geral, em ocasião do 25º aniversário da sua profissão religiosa: «Pessoalmente, não sei que mais poderia desejar, ainda que alguns momentos de pequenas dificuldades, também os sinto. Mas não se podem comparar com a alegria e as satisfações que tenho, e isto põe-me um pouco em sobressalto». De fato, aquilo que o preocupa não é a situação, as dificuldades do trabalho, mas «a capacidade de viver no dia a dia, sempre e com maior generosidade a minha “consagração” à causa do Reino, na fidelidade ao espírito que, através do Allamano, quis que caracterizasse a nossa Família Consolatina».

Um tesouro para todo o Instituto... Não é somente o apelativo com o qual os chamamos para o recordar, mas porque, «olhando para o testemunho que muitos Irmãos nos deixaram, se constata que nas comunidades e mais ainda na vida laboriosa e frequentemente dura das missões, são eles que mantêm alto o sentido de comunhão. O estilo simples e o ser concretos, a “beatitude de ser segundo”, o bom senso torna-os capazes de desdramatizar problemas e situações, de simplificar as questões e as discussões. Frequentemente, sabem fazê-lo com esperteza, alegria e otimismo, de maneira que restabelecem serenidade e paz» (Pe. G. Inverardi).

Talvez, pelo seu número pouco consistente, ou pelo estilo da sua vida missionária, nos nossos Irmãos realiza-se quanto o Papa Francisco nos sugere na sua recente Exortação apostólica sobre a santidade:



«Deixemo-nos estimular pelos sinais de santidade que o Senhor nos apresenta, através dos mais humildes membros daquele povo que também participa à função profética de Cristo, difundindo onde quer que seja o testemunho vivo d'Ele, sobretudo através de uma vida de fé e de caridade...

Lembremo-nos como Jesus convida os seus discípulos a prestarem atenção aos detalhes: o pequeno detalhe do vinho que estava quase a acabar numa festa; o pequeno detalhe de uma ovelha que faltava; o pequeno detalhe da viúva que ofereceu as suas duas moedinhas... o pequeno detalhe de ter a fogueira acesa e um peixe na grelha enquanto esperava os discípulos ao amanhecer...


A comunidade, que conserva os pequenos detalhes do amor, na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai.

Às vezes, por um dom do amor do Senhor, no meio destes pequenos detalhes, nos são oferecidas consoladoras experiências de Deus». (*Gaudete et exsultate*, 8. 144-145).

Queridos Irmãos missionários, é com estas palavras do papa Francisco que gostaria de concluir esta minha “carta de felicitações” no dia da vossa festa. E mesmo que nos preocupe a diminuição numérica das vocações de irmão; entristece-nos o medo que possa surgir perante uma vocação assim tão difícil como é a vossa; se nem sempre conseguirmos descobrir os novos caminhos da Missão que o Senhor nos sugere... a nossa Família missionária quer olhar para vós como “aos pequenos detalhes”, “aos humildes sinais de santidade” nada de ostentações, através dos quais “nos são oferecidas consoladoras experiências de Deus”.

Acreditamos nisto com todo o coração e por isto rezamos.

Com a minha saudação e as minhas felicitações fraternas a todos e a cada um de vós: coragem e avanti in Domino!


pe. Stefano Camerlengo
Superior Geral

